

RESENHA-COLAGEM *SOBRIMAGENS*, DE JORGE FERNANDES DA
SILVEIRA: UM MANIFESTO POLÉTICOAna Cristina Joaquim¹

Contemporâneo do futuro, entre o passado e o presente da nossa identidade social simbólica, o retrato mais ilumina: da vida dos livros/ há muito Jorge nos vê. Em êxodo nômade, sorri refugiado (a luz não tem raízes): Real Gabinete Português de Leitura, USP, Academia Brasileira de Letras, UFRJ, Fundação Casa de Rui Barbosa, Stanford, uma rua qualquer no Leblon, Cantina Pasquale (quamanha terra andámos,/ Sem sair nunca deste povo rudo,/ Sem vermos nunca nova nem sinal/ Da desejada parte Oriental). Jorge de camisa jaspe em filtro vívido: meus olhos são pequenos para ver, mas sobretudo as mãos em forma de concha comovem esta fotografia, tornam-se únicas e são/ vistas no seu próprio tempo. Quem não imaginou no James Dean de Jorge Fernandes da Silveira o Jato feroz do cigarro sob o olhar de Dustin Hoffman pode agora começar a imaginá-lo. Há Cascas de bétulas em 3D, Jorge Didi-Huberman, Dilma Rousseff, Drummond: todos têm agora cem anos sobre muitos sem. CriStalin assina assassinatos que Herberto denuncia.

¹ Pós-doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Filosofia (Unicamp, 2011) e doutora em Literatura Portuguesa (USP, 2016).

Inês, Adriana, Nana, Teresa, Janis, Julieta, Cecília, Ana, Lu, Fiama, Gabriela, Valéria, Fátima, Cleonice, Hannah, Adília, Águeda: *Las Hilanderas*. Tramadas, elas próprias, *com restos extraviados de fios rotos*, Penélopes insubmissas que se recusam a destecer o já tecido, autoras ou úteros: *nomes de mulheres em tempos sombrios*. De *Limas que nos miram*, os *nossos olhos nos olhos* de Jorge, no sorriso, na camisa jaspe, nas mãos que em conchas acolhem a *hipótese de que imagens arbitrária e coerentemente coincidentes formam uma imagem única, dialeticamente coexistente*.

Em *Ensaio Sobrimagens Leituras* (Rio de Janeiro: Desalinho, 2017, 98 p.), Jorge Fernandes da Silveira, à maneira de Roland Barthes ou – mais recentemente – de Georges Didi-Huberman, dilui a demarcação usual que caracteriza as diferentes adesões discursivas, tornando confessionalismo, manifesto político, análise de conjuntura, crítica literária, crítica de arte e criação poética parte de um único eixo criativo. Como se a responder ao apelo do previamente informe, os contornos peculiares de que o livro se compõe resultam da flexibilização da estrutura linguística convencional que prevê, entre outros caprichos classificatórios, a distinção entre linguagem verbal e linguagem visual. Além de atualizar procedimentos de diálogo entre visualidade e escrita historicamente nomeados (como no poema “Emoldurando Diego”, em que ocorre a *ekphrasis*), nota-se em grande parte dos ensaios a participação recíproca entre texto verbal e texto visual que foge às relações hierárquicas de precedência ou motivação, tornando evidente a impostura ideológica contida na divisão tradicional dos saberes. Operação discursiva que colabora com uma tomada de posição ética – aqui também entendida como desdobramento estético, uma vez que não há obediência a nenhum dever ou diretriz de composição prévia –, conforme reflexão de Giorgio Agamben: “O facto de onde deve partir todo o discurso sobre ética é de que o homem não é nem terá de ser ou de realizar nenhuma essência, nenhuma vocação histórica ou espiritual, nenhum destino biológico. É a única razão por que algo como uma ética pode existir: pois é evidente que se o homem fosse ou tivesse de ser esta ou aquela substância, este ou aquele destino, não existiria nenhuma experiência ética possível – haveria apenas deveres a realizar.” (AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Tradução: António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p.38). O mesmo é dizer: *Neste espaço que ainda resta,/ ponha uma cadeira vazia*.

**Sobrimagens* tem lançamento previsto para fins de março/2018, no Rio de Janeiro.